

# Análise de Variáveis Limitadoras Comportamentais na Pesquisa Conscienciológica

Analysis of Limiting Behavioral Variables in Conscientiological Research

Análisis de Variables Comportamentales Limitadoras en la Investigación Conscienciológica

**Rosicler Seberino\***

\* Graduada em Farmácia-Bioquímica. Especialista em Farmacologia. Graduada em Direito. Pesquisadora Independente da Conscienciológica.

*rosiclerseberinoadv@gmail.com*

## Palavras-chave

Método Científico  
Paradigma consciencial  
Pseudociência

## Keywords

Consciential paradigm  
Pseudoscience  
Scientific method

## Palabras-clave

Método Científico  
Paradigma consciencial  
Seudociencia

## Resumo:

O objetivo do artigo é destacar possíveis variáveis comportamentais limitativas na pesquisa conscienciológica, ao modo de realçar os limites que toda ciência enfrenta na busca do delineamento das fases da pesquisa e testagem de suas hipóteses e conclusões verossímeis. A metodologia utilizada quanto ao procedimento foi a pesquisa bibliográfica ao modo de proporcionar análises críticas e reflexivas sobre os tipos de métodos de pesquisa científica e suas contribuições para a qualificação da pesquisa conscienciológica. Constatou-se, a partir de dados obtidos da pesquisa em psicologia comportamental da obra *Cérebro e Crença* (Shermer, 2012) e adaptados para este artigo, os 10 tipos de efeitos relacionados ao modo de como o cérebro percebe e processa os dados provenientes de observações e análises de dados sensoriais captados intrafisicamente, cujos efeitos sentidos pelo pesquisador podem levar a erros de análise dos resultados na pesquisa conscienciológica, o que é de suma importância para o estudo e progresso da Conscienciológica. Conclusivamente, observa-se que o pesquisador deve buscar critérios científicos de validação de teorias, por meio de metodologias admitidas e amplamente utilizadas no meio científico, além do pensamento crítico.

## Abstract:

The objective of the article is to highlight possible limiting behavioral variables in conscientiological research, to emphasize the limits that every science faces in seeking to outline the research stages and test plausible hypotheses and conclusions. The methodology used was bibliographical research to provide critical and reflexive analyses on the types of scientific research methods and their contributions to the qualification of conscientiological research. It was determined from behavioral psychology research data in the work *The Believing Brain* (Shermer, 2012), and adapted in this article, the 10 types of effects related to how our brain perceives and processes data from observations and analyses of sensorial data captured intraphysically, whose effects are felt by the researcher and can lead to errors in the analysis of conscientiological research results, which is of utmost importance in the study and progress of conscientiology. In conclusion, it is observed that the researcher should look for scientific criteria to validate theories, through methodologies admitted and widely used in the scientific environment, in addition to critical thinking.

## Resumen:

El objetivo del artículo es destacar posibles variables comportamentales limitadoras en la investigación conscienciológica, a modo de realzar los límites que toda ciencia enfrenta en la busca del delineamiento de las fases de la investigación y el testeo de sus hipótesis y conclusiones verosímiles. La Metodología con respecto al procedimiento fue la investigación bibliográfica a modo de proporcionar análisis críticos y reflexivos sobre los tipos de métodos de la investigación científica y sus contribuciones para la cualificación de la investigación conscienciológica. Se constataron, a partir de los datos obtenidos de la investigación en Psicología comportamental sobre la obra *“Cerebro y Creencia”* (Shermer, 2012), adaptados para este artículo, los 10 tipos de efectos relacionados de cómo el cerebro percibe y procesa los datos provenientes de observaciones

Artigo recebido em: 08.12.2017.

Aprovado para publicação em: 16.05.2018.

---

y análisis de datos sensoriales captados intrafísicamente, cuyos efectos sentidos por el investigador pueden llevar a errores de análisis de los resultados en la investigación concienciológica, lo que es de suma importancia para el estudio y el progreso de la Concienciológica. En conclusión, se observa que el investigador debe buscar criterios científicos de validez en las teorías, mediante Metodologías admitidas y ampliamente utilizadas en el medio científico, además del pensamiento crítico.

---

## INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é promover reflexões sobre variáveis limitadoras de cunho comportamental que prejudicam as percepções e parapercepções quantos aos fenômenos parapsíquicos e suas análises e conclusões do pesquisador, após as autoexperimentações relativas à autopesquisa parapsíquica e o autoconhecimento evolutivo.

A pesquisa iniciou-se em 2013 com a realização de laboratórios concienciológicos de diversas especialidades, participação em Dinâmicas Parapsíquicas e no curso *Acoplamentarium*, em que, ocorrendo fenômenos parapsíquicos, incluindo vivências grupais e pessoais, se constatou na análise dos resultados obtidos, indagações quanto à confiabilidade na interpretação dos dados provenientes de percepções e parapercepções dos sentidos humanos.

Com base nos questionamentos sobre as limitações perceptivas dos seres humanos e suas interferências nas análises sobre os fatos e parafatos na construção do autoconhecimento e ampliação do discernimento e lucidez, a autora buscou levantamentos das variáveis limitadoras de cunho biológico que podem afetar os resultados da pesquisa concienciológica, visto que as limitações biológicas e esquemas cerebrais podem interferir na interpretação dos dados da pesquisa, gerando distorções ou erros indutivos nas formulações de hipóteses e teorias no âmbito da pesquisa experimental, sob o enfoque do paradigma consciencial.

A fim de delimitar esses problemas metodológicos, a autora decidiu analisar a metodologia científica e suas implicações positivas na qualificação da pesquisa concienciológica, começando pela pesquisa bibliográfica, com início nos estudos sobre metodologia científica e seus principais métodos, o dedutivo, o indutivo e hipotético-dedutivo.

Depois buscou-se, na Psicologia Comportamental, possíveis efeitos neurobiológicos que afetam a percepção dos seres humanos. Analisou-se descrições feitas pelo pesquisador Michael Shermer (1954-) de possíveis variáveis limitadoras comportamentais que distorcem a interpretação de dados obtidos pelos sentidos. A autora adaptou as referidas variáveis para as pesquisas que envolvem parapercepções e extrafísico.

O texto, inicialmente, aborda os tipos de conhecimentos como o senso comum, religioso, filosófico e científico, de modo a contextualizar suas características na formação das teorias do conhecimento.

Em seguida, há também breve análise dos métodos indutivo, dedutivo, dialético e hipotético-dedutivo com a abordagem de seus princípios e modos lógicos de operação.

Discutem-se, no terceiro tópico, as questões incidentais que envolvem as pesquisas concienciológicas, tomando por base problemas relativos à indução e demarcações entre ciência, pseudociência e religião.

Destaca-se o método hipotético-dedutivo na condição de procedimento que possibilita a testagem das premissas teóricas ou hipotéticas. E, também, problematiza-se a importância das variáveis que interferem nas pesquisas empíricas e dependentes dos sentidos e percepções do pesquisador.

Na conclusão, ressalta-se a importância do levantamento de todas as variáveis que possam interferir na qualidade da pesquisa concienciológica e sugere-se a adoção do método hipotético-dedutivo em comparação com o método indutivo.

## I. TIPOS DE CONHECIMENTO

Os questionamentos sobre o porquê da vida acompanham a espécie humana desde os primórdios da História do homem no planeta Terra. As buscas por respostas do por que nascemos, morremos e o sentido da vida produziu formas de conhecimento, por exemplo: o senso comum, a religião, a Filosofia e a Ciência.

Desde a aparição da espécie humana observa-se a busca da obtenção de explicação para dar sentido aos fenômenos da Natureza e da existência humana que não se compreenda e uma das vertentes explicativas foi a concepção de mitos e a criação da religião, expressando-se através deles, desde os primórdios da humanidade, com o surgimento do *homo sapiens*, perpassando grandes civilizações, por exemplo, Sumeriana, Egípcia, Grega, Etrusca, Chinesa, Hindu.

De acordo com Mircea Eliade (1963, p. 75), os mitos narram a origem do mundo, dos reinos animais e vegetais, do homem, mas também todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se transformou naquilo que é hoje, porém, essa criação tem origem sobrenatural através da intervenção de seres sobrenaturais.

Pelo fato de o mito narrar as criações dos seres sobrenaturais e a manifestação dos seus poderes sagrados, ele torna-se o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas.

Para César (1988, p. 37), o mito é: “a expressão simbólica, por imagens, de valores. Tal expressão é carregada de conotações afetivas, o que caracteriza o poder de sedução do mito[...]”.

Todavia, o mito no decorrer da História não foi capaz de demonstrar racionalmente suas próprias afirmações, e também não apresentando e exigindo nenhum tipo de demonstração lógica, ou seja, operava em procedimentos pré-rationais, emotivos, simbólicos e estéticos (Atlas Universal da Filosofia, 2008, p. 2).

A religião também surgiu fundamentada em explicações mitológicas para dar sentido a inúmeros fenômenos que os primeiros hominídeos conceberam para apreenderem o mundo que os rodeava, porém, a religião não ficou adstrita somente a narrativas mitológicas valorativas antropológicas e cosmogônicas, mas estruturou sua forma de conhecimento incorporando aspectos do divino, tais como a realidade é una ou múltipla, pessoal ou impessoal, é transcendente ou imanente, variando suas respostas conforme as religiões monoteístas ou politeístas (Coogan, 2007, p. 8).

Houve, também, a inclusão de textos sagrados na forma de *revelação divina*, de modo a ser repositório de princípios essenciais para as formulações da doutrina sagrada, expresso de modo escrito. Por exemplo: bíblias, alcorão, sutras, textos diversos e, também, composições orais.

Todas as grandes religiões pregam princípios éticos de condutas para os seus seguidores e estabelecem locais para cultos, rituais, adorações, meditações, como templos, mesquitas, *ashrams*, igrejas, santuários (Coogan, 2007, p. 9 a 11).

Em um sistema religioso, não se limita a descrever o além ou a figura do criador. Define o caminho a ser percorrido pelos homens e, para esse fim, estabelece uma escala de valores a serem cultivados e, em razão deles, dispõe sobre a conduta humana (Nader, 2007, p. 34).

Ainda segundo Nader (2007, p. 34), para alguns pensadores do Direito, entre os quais se inclui Néelson Hungria (1891-1969), a religião é um instrumento de governo social do homem e dos agrupamentos humanos, visto que, se a religião desaparecesse, haveria o perigo de retrocesso do homem às formas primitivas e antissociais da conduta, um retorno ao paganismo social e moral.

Segundo Fustel de Coulanges (2009, p. 413), a religião desempenhou um papel primordial na organização social, política e econômica das *polis* gregas e romanas, pois seus ritos, crenças e moral serão as bases da família, dos costumes e do Direito nas cidades antigas da Grécia e Roma.

Assim, enquanto um tipo de conhecimento, a religião, possui algumas características, as quais são: método valorativo e inspiracional ao modo de proposições sagradas de origem sobrenatural, conhecimento exato e infalível, indiscutível, oriundos de dogmas de fé e não verificável caracterizando-se em evidências não refutáveis, segundo Marconi e Lakatos (2011, p. 21).

Paralelamente, na busca das elucidações sobre os mistérios da vida, surge a Filosofia, principalmente na Grécia, devido ao seu contexto cultural e histórico da época, por exemplo, a poesia (na busca pelas causas, harmonia, proporção, da realidade); as religiões públicas e privadas com falta de livros sagrados e sem dogmática fixa e as condições socioeconômicas, considerando a forma de governo e a cidadania, propiciaram o ambiente ideal para os questionamentos dos primeiros filósofos (Reale, 2003, p. 6).

A Filosofia e a Ciência surgem nos séculos VI e V a.e.c, com os primeiros pensadores pré-socráticos, cujas ideias foram tentativas de descreverem o universo, através das análises dos princípios fundamentais do mundo.

O interessante no nascimento da Filosofia é que o enfoque muda na explicação dos fenômenos da Natureza e a composição do Universo, por exemplo, os pré-socráticos, tentaram descrever a natureza do Universo, através dos elementos fogo, terra, ar e água, como Empédocles (495 a.e.c.-444 a.e.c.) que teria afirmado que o *Universo era feito desses 4 elementos*.

O objeto de estudo da Filosofia centra-se em ideias, relações conceituais, exigências lógicas, incorrendo que é um conhecimento valorativo, racional, não verificável e sistemático (Marconi & Lakatos, 2011, p. 19).

A ciência baseia-se no empirismo ou racionalismo para fundamentar suas pesquisas e obter confirmações ou refutações das hipóteses elaboradas, as quais são testadas, e são divulgados os seus resultados que sustentarão, ou não, a explicação do fenômeno (problema) estudado.

Como dizia Carl Sagan (2006, p. 45), *a ciência está longe de ser um instrumento perfeito de conhecimento, porém, é a melhor que temos*.

A ciência trabalha com evidências, com acertos e erros, é uma forma de calibragem de nosso conhecimento, visto que os seres humanos passa por aperfeiçoamentos sucessivos do próprio entendimento acerca dos fenômenos físicos, químicos, biológicos e sociais.

Não existem verdades absolutas, sempre há conhecimentos relativos de ponta, os quais passam por reformulações no decorrer de gerações. A ciência é um mecanismo de correções de erros, portanto, para a ciência não existem questões proibidas, verdades sagradas e temas que não possam ser examinados pela ótica científica.

Francis Bacon (apud Sagan, 2006, p. 46) afirmava que o homem acredita mais facilmente no que gostaria que fosse verdade, ou seja, somos suscetíveis a enganos, credices, e principalmente buscamos reconhecimento, apreciação, ou senso de singularidade nas ideias que defendemos. Todavia, a ciência nos impõe um método de busca de evidências e exige pensamentos céticos.

O senso comum também é um tipo de conhecimento prático, utilizado desde a antiguidade de modo a ser uma ferramenta de sobrevivência e adaptação. Por exemplo, um agricultor iletrado sabe a época da semeadura, colheita, adubos e utilização do solo para melhor rendimento da sua safra de grãos. Os pajés, em tribos indígenas, têm conhecimento na utilização de plantas medicinais para cura e caça.

Todavia, o conhecimento popular é superficial, pois analisa as aparências e suas comprovações não passam por métodos, não se sabe os mecanismos de funcionamento, as causas dos fatos observados. Envolve também o estado de ânimo do observador e está limitado ao âmbito da vida diária e diz respeito ao que se pode perceber no dia a dia.

Assim, o conhecimento popular é valorativo (depende do estado de ânimo e emoções), assistemático (organização particular das experiências pelo observador), e falível e inexato, pois não trabalha com hipóteses (Marconi & Lakatos, 2011, p. 18).

Na descrição sobre formas de conhecer a realidade, o conhecimento científico é o que mais logrou êxito em termos de avanços tecnológicos, melhoramentos em saúde e qualidade de vida e a prática de ciências puras e aplicadas, com elaborações de teorias, leis explicativas acerca de como funcionam o universo e seus fenômenos físicos, químicos, biológicos e o psiquismo do homem.

## II. BREVE ANÁLISE DOS MÉTODOS CIENTÍFICOS

Segundo Ander-Egg (1978 apud Marconi, 2011, p. 21), “ciência é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos metodicamente, sistematizados e verificáveis, que fazem referência a objetos de uma mesma natureza”.

A ciência busca um conhecimento racional acerca dos fatos, baseada em métodos, definições, hipóteses, o que leva a observação de regras lógicas e procedimentos técnicos. A Ciência trabalha com leis, teorias para sustentar as hipóteses elaboradas, que as tornam verificáveis pela observação e experimentação. Todavia, o seu conhecimento não é absoluto, mas provável, visto que, toda lei indutiva é meramente provável, por mais elevada que seja sua probabilidade de ocorrência (Marconi & Lakatos, 2011, p. 23).

Na busca do conhecimento, os cientistas, no estudo dos fatos e fenômenos dos quais surgem problemas a serem elucidados elaboram hipóteses explicativas ou preditivas, as quais devem passar pelo crivo das verificações através da adoção de um método científico.

De acordo com Bunge (1980, p. 19), o método científico: “é um conjunto de procedimentos por intermédio dos quais se propõe os problemas científicos e colocam-se à prova as hipóteses científicas”.

Ou seja, o método busca um caminho, procedimentos, que facilita a detecção de erros e comprovação de hipóteses através da possibilidade da comprovação, porém, a comprovação deverá ser repetível por outros cientistas, não pode ser singular a verificação, há que ser universal por ter seu critério público e experimental.

Para a efetivação das conclusões decorrentes dos problemas a serem elucidados conforme a classificação dos tipos de ciência por Bunge (1974 apud Marconi, 2011, p. 28) entre as formais (matemática, lógica) e factuais (física, química, biologia e demais ciências), adotam-se diversos métodos de abordagem como o indutivo, dedutivo, hipotético-dedutivo, dialético, a fim de que as hipóteses sejam as mais consistentes, verificáveis, prováveis e compatíveis com as características da especialidade estudada.

O método indutivo foi proposto pelos empiristas Francis Bacon (1561-1626), Thomas Hobbes (1588-1679), John Locke (1632-1704) e David Hume (1711-1776), para os quais a origem do conhecimento está na observação. O princípio empirista baseia-se na observação e experiência, os quais podem decidir a respeito da aceitação ou rejeição das afirmativas, inclusive leis e teorias (Popper, 1972a, p. 32 e 84).

O método indutivo fundamenta-se na observação e em experimentações de fatos ou fenômenos particulares, cujas premissas passaram por verificações e refutações, que, no final da análise dos resultados, levam a uma conclusão chegando à formulação de teoria ou lei sobre o todo. Inicia-se pelo estudo da parte para concluir-se sobre o todo. Exemplo: O corvo 1 é negro, o corvo 2 é negro, o corvo 3 é negro, o corvo n é negro, portanto, todo corvo é negro.

O método dedutivo, origina-se das obras dos pensadores racionalistas René Descartes (1596-1650), Baruch Spinoza (1632-1677) e Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716), tendo o pressuposto de que apenas a ra-

ção pode conduzir ao conhecimento verdadeiro. Ele parte de princípios tidos como verdadeiros, de uma premissa maior para assim o pesquisador estabelecer relações com uma proposição particular, a premissa menor e, a partir do raciocínio lógico, chegar à verdade daquilo que propõe, a conclusão (Marconi & Lakatos, 2011, p. 63; Popper, 1972a, p. 32).

Ou, utilizando as palavras de Galliano (1979, p. 39), “a dedução consiste em tirar uma verdade particular de uma verdade geral na qual ela está implícita”.

O método hipotético-dedutivo proposto pelo filósofo da ciência Karl Popper (1972b) apresenta o método de submeter criticamente à prova as teorias, e de selecioná-las sob a ótica de uma dedução lógica e compará-las com outros enunciados pertinentes de teorias, leis ou premissas. Porém, observando-se relações lógicas, tais como equivalência, dedutibilidade, compatibilidade, incompatibilidades existentes no caso estudado.

Popper (1972b, p. 33) propõe 4 vertentes de refutabilidade das teorias: a primeira trata da questão das comparações lógicas das conclusões, isto é, coloca-se à prova a coerência interna do sistema. A segunda envolve a investigação da forma lógica da teoria, se ela é empírica ou tautológica. Em terceiro lugar, vem a comparação com outras teorias, com o objetivo de a teoria trazer resultados conclusivos e novos, no caso de passar satisfatoriamente as várias provas. Por fim, há a comprovação da teoria por meio de aplicações empíricas das conclusões que dela se possam deduzir.

Das predições deduzidas da teoria, colocam-se à prova através de enunciados singulares os quais contradigam ou corroboram a teoria, confrontando com os resultados práticos e dos experimentos. Se os resultados forem positivos, a teoria terá provisoriamente passado pela prova ou se negativos os resultados, a teoria terá sido falseada.

Segundo Marconi e Lakatos (2005, p. 101), o método dialético fundamenta-se em 4 leis fundamentais, as quais são: a ação recíproca “tudo se relaciona”, a mudança dialética “tudo se transforma”, a passagem da quantidade à qualidade e a interpenetração dos contrários. As coisas não existem isoladas, destacadas uma das outras e independentes, mas como um todo unido, coerente. Tanto a natureza quanto a sociedade são compostas de objetos e fenômenos organicamente ligados entre si, dependendo uns dos outros e, ao mesmo tempo, condicionando-se reciprocamente.

Surge, então a indagação, qual o método de abordagem predominantemente utilizado nas pesquisas conscienciológicas? Tal pergunta e enfrentamento são importantes, pois a demarcação entre ciência e pseudociência, filosofia e religião envolve questões metodológicas.

### III. PONDERAÇÕES SOBRE MÉTODO CONSCIENCIOLOGICO

O filósofo da ciência Thomas Kuhn (1922-1996), em sua obra clássica “*A Estrutura das Revoluções Científicas*” (Kuhn, 1996), afirma que a lei, teoria, aplicação e instrumentação fornecem modelos (paradigmas) os quais formam tradições coerentes e específicas da pesquisa científica. Dessa maneira, os pesquisadores baseiam-se em paradigmas compartilhados que regem suas regras e padrões para a pesquisa científica.

Todavia, o paradigma científico convencional possui seus valores e métodos o que até a atualidade (Ano-base: 2018) vem funcionando, apesar das mudanças de paradigmas de abordagem, resultantes de novas descobertas científicas relevantes, ocorridos dentro da própria ciência, porém, a ciência “normal” esforça-se para aproximar sempre mais a teoria e os fatos.

Pode-se inferir que a Ciência se apresenta como um pensamento racional, objetivo, lógico e confiável, ainda possui a singularidade de ser sistemática, exata (busca-se eliminar o erro lógico) e falível (Marconi; & Lakatos, 2011, p. 30 a 42).

A Conscienciologia, proposta por Waldo Vieira, é por ele assim definida:

“Ciência que trata do estudo abrangente da consciência, e efetuada pela própria consciência, através dos atributos conscienciais, veículos de manifestação da consciência e fenômenos conscienciais multidimensionais” (Vieira, 2008, p. 33).

Trata-se de neociência fundamentada sob a óptica do paradigma consciencial, o qual aborda as hipóteses de que a consciência se manifesta em várias dimensões, e possui veículos de manifestação além do corpo físico (soma), incluindo o corpo energético (energossoma), o corpo emocional (psicossoma) e o corpo mental (mentalsoma). E, também, a continuidade da consciência após a morte e sua ressonância em tempo oportuno em outra existência física.

A Conscienciologia tem como objeto de pesquisa a consciência do pesquisador com os seus atributos conscienciais, sendo que um deles é o parapsiquismo, assim definido:

“Condição da consciência humana (conscin) capaz de vivenciar parapercepções além dos sentidos do corpo físico (soma), incluindo aí as parapercepções energéticas da própria conscin (animicidade, Bioenergética, Energossomatologia), das projeções conscienciais (projetabilidade lúcida, Projeciologia) e das consciexes (paranormalidade, Parapsicologia, Parapercepciologia), sendo especialidade da Conscienciologia” (Vieira, 2013, p. 8.131).

Na obra *Projeciologia: Panorama de Experiências fora do Corpo Humano*, Vieira (2009, p. 33) afirma que os fenômenos projeciológicos são experimentados pelo empirismo pessoal, não podem oferecer replicabilidade científica e o conhecimento projeciológico tem a veracidade ou falsidade de suas proposições ou hipóteses também através da experiência, somente com a diferença que é uma experiência pessoal, individual, participativa, não universal e não-pública.

Afirma também que o conhecimento parasíquico permite tão somente a verificabilidade pessoal através do uso da razão e crítica mútua das experiências.

Desse modo, parte significativa da pesquisa conscienciológica provém das sensações, percepções e parapercepções do pesquisador, ou seja, das chamadas autoexperimentações pelas quais o pesquisador elabora hipóteses, propõe teorias, obtém achados, em especialidades dessa neociência, por exemplo, Seriexologia, Projeciologia, Parapercepciologia, parafenômenos, através da observação e do uso dos sentidos físicos e extrafísicos da consciência.

Contudo, surgem os problemas metodológicos relacionados às ciências empíricas, como as levantadas na antiguidade por Xenófanos (570 a.e.c.-475 a.e.c) e Heráclito (535 a.e.c.-475 a.e.c), os quais afirmavam que os sentidos não merecem confiança (Popper, 1972, p. 45).

#### VARIÁVEIS COMPORTAMENTAIS A SEREM CONSIDERADAS NA AUTOPESQUISA

O pesquisador depara-se com problemas metodológicos cujas variáveis não de se considerar nas autoexperimentações parapsíquicas, pesquisa documental, bibliográfica e experimental ao modo de afetarem os resultados conclusivos da pesquisa conscienciológica.

Eis a título exemplificativo, em ordem alfabética, 10 variáveis que interferem na análise e interpretação dos dados de pesquisa, segundo as características comportamentais do ser humano, visto que, o sistema perceptivo e cerebral, segundo Shermer (2012, p. 288) é influenciado por conceitos mentais pré-existentes decorrentes das condições biológicas, culturais e históricas:

01. **Efeito agrupamento:** predisposição a enxergar grupos de padrões que, na verdade, podem ser resultado de casualidade.

02. **Efeito argumento de autoridade:** predisposição para valorizar as opiniões de alguma autoridade no assunto, desconsiderando que o maior gênio pode estar errado.

03. **Efeito correlação:** predisposição a pressupor a existência de conexão causal entre duas variáveis.

04. **Efeito da conclusividade do argumento:** predisposição para avaliar a força de um argumento com base na credibilidade de sua conclusão.

05. **Efeito da generalização:** predisposição para encarar descrições vagas e genéricas de personalidade como altamente precisas e específicas.

06. **Efeito estereotipagem:** predisposição a presumir que o membro de um grupo terá certas características que representam o grupo, sem informações reais sobre esse membro em particular.

07. **Efeito expectativa do pesquisador:** predisposição do pesquisador observar, selecionar e publicar dados que corroborem suas expectativas sobre o resultado do seu experimento e não perceber, descartar ou desacreditar dados que pareçam conflitantes com as expectativas.

08. **Efeito imaginação:** predisposição a misturar lembranças reais e imaginárias e usar relatos de outras pessoas como se fossem próprios.

09. **Efeito reforço social:** aceitar ou sustentar ideias, argumentos e conclusões pesquisísticas de outros pesquisadores ao modo de ser aceito pelo grupo e forma de estabelecimento de relações sociais.

10. **Efeito similitude:** predisposição a considerar as crenças, atitudes e comportamentos passados mais semelhantes às crenças, atitudes e comportamentos presentes do que eles realmente são.

Tais predisposições são mecanismos que o cérebro humano pode utilizar para conhecer, interpretar e perceber a realidade fática e parafática. Ratificando a ideia de Karl Popper (1972a, p. 51): “[...] toda observação implica alguma interpretação, à luz do nosso conhecimento teórico[...]”.

Daí, pergunta-se: a Conscienciologia possui algum método pesquisístico que diminua as variáveis que implicam em distorções dos resultados?

Nas vivências parapsíquicas, o pesquisador deve minuciosamente descrever os fatos e parafatos, todavia, chama-se atenção para possíveis autoenganos nas interpretações, visto que, as pessoas possuem esquemas cognitivos, que caracterizam um sistema de processamento de informações, de modo a selecionar, codificar e elaborar memórias que influenciarão o funcionamento emocional e comportamental, e, também, a forma de interpretar os estímulos internos e externos (Peres, 2008, p. 94).

Um esquema mal adaptativo, ou seja, crenças disfuncionais podem levar a distorções cognitivas. As crenças disfuncionais são perpetuadas através das distorções, modos mal adaptativos de processar informações, por exemplo, a hipervigilância em relação a ameaças ambientais dos pacientes ansiosos ou a excessiva e indevida responsabilização pessoal pelas falhas e erros cometidos pelos sujeitos com depressão (Callegaro, 2005, p. 9 a 20).

De que modo os pesquisadores conscienciológicos poderão enfrentar os problemas metodológicos inseridos na autoexperimentação e autopesquisa?

Uma alternativa, aqui proposta, seria o método hipotético-dedutivo, em que as teorias baseadas em enunciados passíveis de serem testados são colocadas à prova, e se passarem nos testes, a teoria (conjecturas) é provisoriamente aceita e, se negativos os testes, a teoria é falseada. Segundo Popper (1972a, p. 66), o que define o *status* científico de uma teoria: “é a sua capacidade de ser refutada ou testada”.

O pesquisador da Conscienciologia, ao confrontar-se com teorias, hipóteses de autopesquisas e heteropesquisas, deve buscar através das observações, experimentações, autocríticas e análises de outras teorias vigentes da ciência, corroborar ou falsear suas premissas por meio de testes e provas, as quais sustentarão ou não as conjecturas iniciais.

Exemplo: nas pesquisas seriexológicas, há a *Teoria das Seriéxis*, a qual afirma que a consciência viveu e viverá várias vidas intrafísicas na busca pelo aperfeiçoamento ético e cognitivo. As evidências da teoria são as retrocognições, obtidas em estados alterados da consciência, vigília física ordinária ou em projeção lúcida, cujas memórias se referem a passado existente em determinado contexto social, econômico, familiar e psíquico.

Como buscar refutar a *Teoria da Seriéxis*?

Uma possibilidade é partir-se da ideia de colocá-la à prova, considerando-se inúmeras outras teorias e hipóteses, tais como a análise das variáveis chamadas falsas memórias, confronto com outras explicações de pesquisas em neurociências, levantamentos das distorções interpretativas de cunho histórico, geográfico e cognitivos que podem tornar a compreensão dos fatos e parafatos prejudicados ou inexistentes; preconceitos e crenças que interferem na problematização do objeto de pesquisa, a qualidade e quantidade dos dados retrocognitivos obtidos de amostragem significativa, universal e não tendenciosa. Tais procedimentos refletirão na análise dos resultados, dentre outras.

Após o levantamento máximo possível de testes e provas que contradigam a *Teoria da Seriéxis*, e ela passar incólume pelos critérios de refutabilidade, pode-se afirmar, provavelmente, que ela explique o fenômeno das retrocognições.

Enfim, a Conscienciologia, sendo uma neociência, também enfrentará os seus limites metodológicos, os quais os pesquisadores terão que avaliar, controlar e buscar métodos mais eficazes na análise dos dados empíricos obtidos, individualmente e em experimentos grupais.

## CONCLUSÃO

Os métodos científicos, com os seus procedimentos e modos de abordagens nas elucidações das explicações para os fatos e parafatos, são o melhor que se tem no sentido do avanço da pesquisa científica e do conhecimento humano, ou seja, é o que funciona. Isso é corroborado pela tecnologia que nos cerca nos campos da saúde, da ciência, militar e astronômico.

Porém, toda teoria científica é falível, provável e provisória, visto que, os problemas epistemológicos continuam tais como: o que realmente observamos e experimentamos? Como conhecer com os sentidos e percepções?

Porém, há de se cuidar para não cair na pseudociência ou misticismo, seguir argumentos de autoridades, não ter pensamentos críticos, não observar as falácias e erros de argumentação, faltar cuidado com a produção de leis e teorias sem evidências, ou a necessidade profunda de acreditar em algo e buscar padrões de organização e explicações causais para o mundo observável pelos sentidos físicos e extrafísicos.

Portanto, ao pesquisador conscienciológico surge o desafio do enfrentamento das questões incidentais nas autopesquisas e heteropesquisas, pois, trabalha-se com experimentos basicamente indutivos e dependentes dos sentidos, percepções e parapercepções, o que leva a indagações sobre como depurar melhor os resultados pesquisísticos para eliminar ruídos internos de interpretação do próprio pesquisador evitando distorções cognitivas e interferências externas que prejudicam as conclusões da pesquisa conscienciológica.

Sugere-se a aplicação do método hipotético-dedutivo ao pesquisador, todavia, o universo da pesquisa é amplo e multifacetado, e envolve o microuniverso consciencial, porém, indaga-se: as hipóteses podem ser refutadas?

Por fim, *a ciência é uma vela no escuro* (Carl Sagan, 1934-1996).

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Atlas Universal de Filosofia**; trad. Marco Barberi; et al.; br.; *MMVIII Editorial Oceano*; Barcelona; Espanha; S. D.; páginas 2 a 10.
02. **Bunge, Mario**; *Epistemologia: Curso de Atualização*; 246 p; br.; *Editora Universidade de São Paulo*; São Paulo; 1980; página 19.
03. **Callegaro, Marco Montarroyos**; *A Neurobiologia da Terapia do Esquema e o Processamento Inconsciente*; páginas 09 a 20; disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-56872005000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872005000100002)>; acesso em 20.05.2016.
04. **César, Constança Marcondes**; *As Razões do Mito*; Org. Regis de Moraes; 124p; br.; *Papirus*; São Paulo; 1988; páginas 31 a 42.
05. **Coogan, Michael**; *Religiões: História, Tradições e Fundamentos das Principais Crenças Religiosas*; 288 p.; br.; *Publiflora*; São Paulo; 2007; páginas 6 a 13.
06. **Coulanges, Foustel**; *A Cidade Antiga (La Cité Antique)*; revisoras Virgínia de A. Thomé; Ivete Batista dos Santos; & Célia Regina Rodrigues de Lima; trad. Fernando de Aguiar; XII + 642 p.; 47 caps.; 1 esquema; 2 enus.; glos. 614 termos; 1 índice analítico; 20,5 x 12,5 cm; br.; 4ª Ed.; 2ª imp.; *Martins Fontes*; São Paulo, SP; 2000; página 413.
07. **Eliade, Mircea**; *Aspectos do Mito*; 174 p.; br.; *Edições 70*; Rio de Janeiro; 1963; páginas 75 a 170.
08. **Galliano, A. Guilherme**; *O Método Científico: Teoria e Prática*; apres. equipe editorial; 200 p.; 12 caps.; 20 ilus.; glos. 109 termos; 65 refs.; anexo; 18 figs.; alf.; 21,5 x 15,5 cm; br.; São Paulo; *Harper & Row do Brasil*; 1979; página 39.
09. **Kuhn, Thomas S.**; *A Estrutura das Revoluções Científicas (The Structure of Scientific Revolutions)*; revisora Alice Kyoko Myashiro; trad. Beatriz Viana Boeira; & Nelson Boeira; Coleção Debates; 258 p.; 12 caps.; 171 refs.; 20,5 x 11,5 cm; br.; 3ª Ed.; *Perspectiva*; São Paulo, SP; 1992; página 30.
10. **Marconi, Marina de Andrade**; & **Lakatos, Eva Maria**; *Fundamentos de Metodologia Científica*; 238 p.; 19 ilus.; enu.; 185 refs.; 21,5 x 15,5 cm; br.; São Paulo; *Atlas*; 6ª Ed.; 1985; página 101.
11. **Idem**; *Metodologia Científica*; 282 p.; 4 partes; 45 seções; 176 subseções; 7 caps.; 1 cronologia; 541 enus.; 35 esquemas; 2 gráfs.; 30 tabs.; 195 refs.; alf.; 23 x 16 cm; br.; 3ª Ed.; *Atlas*; São Paulo, SP; 2000; páginas 15 a 290.
12. **Nader, Paulo**; *Introdução ao Estudo do Direito*; br.; 28ª Ed.; *Forense*; Rio de Janeiro; 2007; página 34.
13. **Peres, Alexandre José de Souza**; *Esquemas Cognitivos e Crenças Mal Adaptativas da Personalidade: Elaboração de Um Instrumento de Avaliação*; *Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações*; UNB; Brasília, 2008; disponível em: [http://repositorio.unb.br/handle/10482/6636\\_Alexandre Jose Souza Peres .pdf.](http://repositorio.unb.br/handle/10482/6636_Alexandre%20Jose%20Souza%20Peres.pdf); acesso em 19.05.2016.
14. **Popper, Karl**; *A Lógica da Pesquisa Científica (The Logic of Scientific Discovery)*; trad. Leonidas Hegenberg; & Octanny Silveira da Mota; 568 p.; 26 enus.; 2 índices; 1 tab.; 123 refs.; alf.; 19 x 13 cm; br.; *Pensamento-Cultrix*; 12ª Ed; São Paulo, SP; 2006; páginas 15 a 549.
15. **Idem**; *Conjecturas e Refutações*; 452 p; br.; 4ª Ed.; *Editora Universidade de Brasília*; Brasília, Distrito Federal; 1972; páginas 31 a 449.
16. **Reale, Giovanni**; & **Antiseri, Dario**; *História da Filosofia: Filosofia Pagã Antiga*; 1 Vol.; 386 p.; br.; 5ª Ed.; *Paulus*; São Paulo, SP; 2012; página 6.
17. **Sagan, Carl**; *O Mundo Assombrado pelos Demônios: A Ciência vista como uma Vela no Escuro*; 512 p; br.; 23 x 15 cm; *Companhia das Letras*; São Paulo; 2006; páginas 45 a 232.
18. **Shermer, Michael**; *Cérebro e Crença: Por que as Pessoas acreditam em Coisas Estranhas*; 391 p.; br.; *JSN*; São Paulo; 2012; páginas 288 a 289.
19. **Vieira, Waldo**; *Parapsiquismo*; verbete; In: **Vieira, Waldo**; Org; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; *Associação Internacional Editares*; & *Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC)*; Foz do Iguaçu, PR; 2013; página 8.131.
20. **Idem**; *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*; revisores Alexander Steiner; et al.; 1.254 p.; 18 seções; 525 caps.; 150 abrevs.; 17 E-mails; 1.156 enus.; 1 escala; 1 foto; 3 gráfs.; 42 ilus.; 1 microbiografia; 1 sinopse; 2 tabs.; 15 websites; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 10ª Ed.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2009; página 33.